

**Pró-Reitoria Acadêmica  
Escola de Saúde  
Curso de Psicologia  
Trabalho de Conclusão de Curso**

**Donas de casa, saúde mental e violência: uma revisão  
sistemática da literatura**

**Autor: Paulo Henrique Basílio Alves  
Orientadora: Juliana Ferreira da Silva**

**Brasília - DF  
2018**

**PAULO HENRIQUE BASILIO ALVES**

**DONAS DE CASA, SAUDE MENTAL E VIOLENCIA:  
UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA**

Artigo apresentado ao curso de graduação em  
Psicologia da Universidade Católica de Brasília,  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Bacharel em Psicologia

Orientadora: Juliana Ferreira da Silva

Coorientadora: Luciana da Silva Santos

Brasília

2018



Artigo de autoria de Paulo Henrique Basílio Alves, intitulado “DONAS DE CASA, SAUDE MENTAL E VIOLENCIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA”, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia da Universidade Católica de Brasília, em 05/11/2018, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada.

---

Prof. Dra. Juliana Ferreira da Silva  
Orientadora  
Graduação em Psicologia- UCB

---

Prof. Dra. Luciana da Silva Saltos  
Coorientadora  
Graduação em Psicologia- UCB

---

Prof. Dra. Ondina Pena Pereira  
Graduação em Psicologia- UCB

**Brasília**  
**2018**

Triste louca ou má  
Será qualificada  
Ela quem recusar  
Seguir receita tal

A receita cultural  
Do marido, da família  
Cuida, cuida da rotina

Só mesmo rejeita  
Bem conhecida receita  
Quem não sem dores  
Aceita que tudo deve mudar

Que um homem não te define  
Sua casa não te define  
Sua carne não te define  
Você é seu próprio lar  
[...]

**Francisco, el Hombre**

# DONAS DE CASA, SAÚDE MENTAL E VIOLÊNCIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

PAULO HENRIQUE BASILIO ALVES<sup>1</sup>

JULIANA FERREIRA DA SILVA<sup>2</sup>

LUCIANA DA SILVA SANTOS<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Estudante do curso de Psicologia da Universidade Católica de Brasília

<sup>2,3</sup> Doutora em psicologia e docente do curso de Psicologia da Universidade Católica de Brasília

## Resumo

Objetivamos analisar a produção científica nacional e internacional sobre a relação entre violência, saúde mental e donas de casa, partindo da hipótese de que ser dona de casa aumenta a situação de vulnerabilidade de mulheres. Realizamos uma revisão sistemática da literatura dos últimos 10 anos a partir das bases Pubmed, BVS, BDTD, Portal CAPES e Scielo. Foram utilizadas diferentes combinações e tradução dos termos “dona de casa”, “violência”, “saúde mental” e “adoecimento mental”. As produções foram analisadas em sua totalidade, e organizadas por categorias. Foram analisados 54 trabalhos. Os pontos que se destacaram na análise foram os que entendem a posição de dona de casa como um fator que potencializa o risco e vulnerabilidade diante da violência doméstica e familiar, como um grupo que vivencia problemas financeiros atrelados a uma falta de liberdade e uma grande sobrecarga do trabalho. Também foi encontrada uma maior vulnerabilidade em relação ao suicídio, depressão e a adoecimento mental de forma geral, junto a uma dificuldade de buscar apoio e tratamento. Foi pouco presente na literatura uma indicação de conduta aos profissionais que lidam com esse grupo e de reflexões acerca de políticas públicas. Houve uma falta de visibilidade da dona de casa enquanto objeto de estudo nas obras analisadas, assim a mulher dona de casa se mostra invisível também perante a comunidade científica. Os dados encontrados nessa pesquisa não se mostram suficientes para indicar que ser dona de casa é um fator de vulnerabilidade à violência e saúde mental, sobretudo devido a uma escassez de publicações com esse objetivo.

**Palavras Chave:** Dona de casa; saúde mental; violência; revisão da literatura

## 1. INTRODUÇÃO

Tivemos como objetivo geral analisar a produção científica de língua inglesa e portuguesa acerca da(s) violência(s) vivenciadas por mulheres donas de casa e sua relação com a saúde mental. Assim, pretendemos identificar as possíveis formas de violência que as donas de casa

vivenciam no exercício de suas atividades e nas relações familiares, entender que impacto essas formas de violência causam na saúde mental das donas de casa e compreender que tipo de estratégias e atendimentos têm sido oferecidos para estas mulheres, por parte das instituições públicas de saúde mental.

Para isso, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, o que possibilita se trabalhar de forma organizada com um grande número de obras e produzir uma análise crítica, reflexiva e compreensiva do material coletado (COSTA e ZOLTOWSKI, 2014, p. 56). Essa revisão sistemática é organizada a partir de uma “metanálise” dos trabalhos selecionados, o que consiste em um procedimento estatístico a fim de integrar essas obras dentro dos objetivos da pesquisa, seguindo-se da análise crítica desses resultados (p. 55).

Tomamos a afirmação de Santos (2014), com base em suas pesquisas empíricas e na literatura, que “ser dona de casa coloca mulheres em situação de vulnerabilidade” (p.50), agrava a já situação de vulnerabilidade social das mulheres, como algo a ser testado. A hipótese foi analisada no sentido de ser verificada na literatura especializada atual a existência de volume substancial de dados que suportem a afirmação de uma condição diferenciada de vulnerabilidade à violência de donas de casa.

### 1.1 SOBRE O SER DONA DE CASA

O conceito “dona de casa” é algo recente na história humana, como apontam Santos e Diniz (2011), sendo resultado do contexto sócio-histórico, político e econômico da industrialização e acesso do capitalismo na sociedade ocidental. Nesse contexto, teria se intensificado uma ideologia de separação entre o espaço privado e público. Nesses dois espaços seriam tomados como determinantes fatores biológicos. A separação dos sexos dar-se-ia no sentido em que à mulher caberia o espaço privado, junto ao cuidado dos filhos e do lar, e ao homem caberia o espaço público. O trabalho da mulher seria então entendido como reprodutivo e do homem como produtivo, o que resulta em uma desvalorização do trabalho da mulher dona de casa (SANTOS, 2014).

Mesmo com as mudanças posteriores das sociedades capitalistas, sobretudo no pós-guerras, quando as mulheres também exerceriam seu trabalho no espaço público, continuaram como principais responsáveis aos cuidados do lar e dos filhos. A coexistência de modelos antigos e novos ressalta a importância do olhar à essa população e para como esse “movimento intenso de migração de mulheres do domínio privado para o público gera processos de marginalização em parcelas da própria categoria feminina” (SANTOS e DINIZ, 2011, p.140).

Em relação a divisão sexual do trabalho e sua relação com a evolução capitalista, surge na nossa sociedade o debate sobre a dupla jornada da mulher. França (2009) afirma que apesar do crescimento da participação feminina no trabalho público, as formas de trabalho já associadas ao feminino se mantiveram, resultando em mulheres que trabalham fora de casa ao mesmo tempo que mantém o papel doméstico.

Essas mulheres muitas vezes são vistas tanto como dona de casa quanto como trabalhadoras socialmente, desempenhando assim múltiplos papéis (FRANÇA 2009, p. 74). O conceito de mulher dona de casa utilizado nesse trabalho, por motivos de recorte metodológico, não perpassa por essas mulheres dentro de uma lógica de dupla jornada, mas mulheres que exercessem exclusivamente a função de dona de casa enquanto categoria de trabalho. Vale ressaltar que tal recorte se mostra desafiador diante uma revisão da literatura pois essa distinção não se costuma deixar clara nas produções acadêmicas.

A literatura indica (SANTOS & DINIZ, 2011; SANTOS, 2008/2014; BORIS, 2014; FRANÇA, 2009) que existem diferenças nas funções exercidas pelas donas de casa em

diferenças classes sociais. Seria mais comum nas classes mais privilegiadas essas mulheres exercerem funções mais administrativas, tendo poder para relocar outras funções a instituições ou a outras pessoas. Já nas classes de mais baixa renda, todos os trabalhos domésticos ficariam ao cargo dessas mulheres, sem poder de delegar funções e com pouco acesso ao descanso e lazer.

Pradi (1981) já relatava em sua pesquisa com donas de casa de diferentes classes sociais diferentes concepções do que é ser uma dona de casa. De forma geral, todas entrevistadas relataram o trabalho de dona de casa “a partir de um conjunto de atividades cotidianas, rotineiras e manuais e a aceitam” (p. 119), mas nas classes mais altas se percebia uma característica mais intelectual do que manual e mecânica nesse trabalho. Resultados semelhantes também foram encontrados por Santos (2008).

Na pesquisa de Santos e Diniz (2011) foi possível perceber que o reconhecimento e a valorização do trabalho são vivenciados de forma diferente entre as donas de casa de diferentes classes socioeconômicas. Nas mulheres de classe alta, também se ressaltou a responsabilidade de administrarem as finanças da família, mas as autoras ainda ressaltam que nesses casos os maridos ainda exercem o papel de soberano e dono do dinheiro, relegando apenas o papel administrativo às mulheres. Na fala das participantes também foi unânime, em todas classes sociais, que a maior vantagem e motivo em continuarem como donas de casa é a maternidade, relatada com grande prazer. Mas as autoras ressaltam que só na questão da maternidade houve uma unanimidade na satisfação em ser uma dona de casa.

As mulheres de classe alta e classe média recebem mais reconhecimento pelo seu trabalho por parte da família (SANTO e DINIZ, 2011, p. 145). Essa diferença nas vivências das donas de casa de acordo com sua classe social, e o fenômeno recente em que mulheres exploram outras mulheres no espaço doméstico, resalta a complexidade do tema.

Santos (2014) afirma que entre os fatores que mais contribuem à vulnerabilidade da dona de casa estão a falta de autonomia econômica, uma jornada de trabalho sempre inacabada, contato com objetos perfurocortantes e produtos tóxicos e, em muitos casos, uma repressão sexual com base em uma submissão por parte do cônjuge.

Santos (2014) evidencia que o espaço doméstico “modela a identidade feminina” (p. 61) no sentido dessas mulheres serem invisibilizadas, junto ao seu trabalho, e negadas de autonomia e poder, e que “se o espaço é invisível, quem o ocupa passa a ser também invisível” (p.64). A partir de entrevistas com donas de casa em sua pesquisa, a autora percebeu que o trabalho doméstico só se torna visível quando não é feito ou é inacabado. O expediente da dona de casa é uma rotina inacabável, sem direito a intervalos e “que demanda do corpo e da mente” da mulher (p.62).

A saída das mulheres do ambiente doméstico para o ambiente público por meio do trabalho é vista, de forma geral, como um grande acontecimento na história recente da sociedade ocidental. Ainda assim, muitas mulheres “se mantêm aparentemente na contramão da história” (SANTOS e DINIZ, 2011 p. 138) vivenciando antigos e novos modelos ao mesmo tempo.

Esse grupo de mulheres se encontra marginalizado pelos modelos socioeconômicos ocidentais e por parcela dos movimentos feministas por não exercerem uma função que, aparentemente, se adequa aos modelos econômicos e por estarem inseridas em um “modelo de feminino” muitas vezes compreendido como ultrapassado (BORIS, 2014). Portanto, se mostra importante, como aponta Santos (2015, p.19), identificar os significados socioeconômicos desse trabalho que é entendido como privado e sem valor econômico, e os aspectos dessa

vivência que podem afetar o quadro de saúde mental desse grupo, principalmente diante de um objeto tão pouco estudado academicamente no que se refere à violência e saúde mental.

## 2. METODOLOGIA

Foi realizada uma revisão sistemática da literatura, nacional e internacional, de língua portuguesa e inglesa entre os anos de 2008 a 2018. A busca da literatura foi realizada nas bases Pubmed, BVS, BDTD, Portal CAPES e Scielo, com filtro para artigos, dissertações e teses.

Foram utilizadas oito combinações de descritores na busca: *donas de casa AND violência AND saúde mental*, *dona de casa AND violência AND saúde mental*, *donas de casa AND violência AND adoecimento mental*, *dona de casa AND violência AND adoecimento mental*, *housewife AND violence AND mental health*, *housewives AND violence AND mental health*, *housewife AND violence AND mental illness* e *housewives AND violence AND mental illness*.

Notou-se que a maioria das produções não traziam os termos *dona de casa* ou *housewife*, plural e singular, nos títulos e resumos, apesar de trazerem no corpo do texto. Então foi realizada uma seleção inicial a partir dos títulos que apresentavam alguma relação entre questões de gênero, violência ou saúde. Logo em seguida foi feita uma busca pelos termos *dona de casa* e *housewife*, plural e singular, no corpo do texto e selecionado os trabalhos que seguissem esses critérios: em trabalhos de cunho teórico, quando esses termos apareciam como parte da discussão; em trabalhos de cunho empírico, quando donas de casa representavam mais da metade das participantes femininas ou quando esse recorte era apresentado na discussão dos resultados.

Após a análise de conteúdo desses trabalhos, foram filtradas, para análise final, produções que apresentavam alguma relação ou discussão referente a donas de casa e violência ou saúde mental. A análise dos dados foi realizada a partir de uma leitura flutuante das produções, marcação dos trechos a serem analisados e organização desses trechos em uma tabela, seguindo-se pelos seguintes passos: identificação de eixos de análise e separação dos conteúdos por eixo; nova leitura flutuante por eixo, resultando na aglomeração e separação dos conteúdos em possíveis categorias; proposição de categorias e subcategorias; e definição das categorias.

As produções foram analisadas em sua totalidade, e foram organizadas por ano de publicação, país da amostra, país dos pesquisadores, objetivo, metodologia, língua e se apresentam a questão da dona de casa no título ou no resumo. A análise e discussão dos resultados foi realizada a partir de quatro categorias.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total foram encontradas 2993 produções e o processo busca, inclusão e exclusão das produções é ilustrado pelo Fluxograma 1. Foram analisados um total de 54 trabalhos, sendo 46 artigos publicados em revistas, 03 dissertações de mestrado e 05 teses de doutorado. Os anos com maiores números de publicações foram 2012, 2014, 2016 e 2017. Referente a língua, 11 trabalhos são de língua portuguesa (20%) e 43 se língua inglesa (80%).

Apenas 10 (19%) das obras continham referência à dona de casa no título ou no resumo. Os países com maiores números de publicações foram Irã, Índia e Brasil. Notamos uma predominância de publicações na região da Ásia, sobretudo no Oriente Médio e na Índia, seguindo-se pela América do Sul, África, América do Norte, Europa e Oceania.



Foram excluídos da análise trabalhos que, apesar de terem em seu campo amostral uma grande quantidade de mulheres donas de casa, não foi realizada nenhuma análise ou discussão voltada para esse recorte, sendo assim carentes de dados para essa revisão. Dos 99 trabalhos excluídos, 6 tiveram mais de 90% do campo amostral composto por mulheres donas de casa.

Fluxograma 1 – Caminho de seleção dos trabalhos analisados

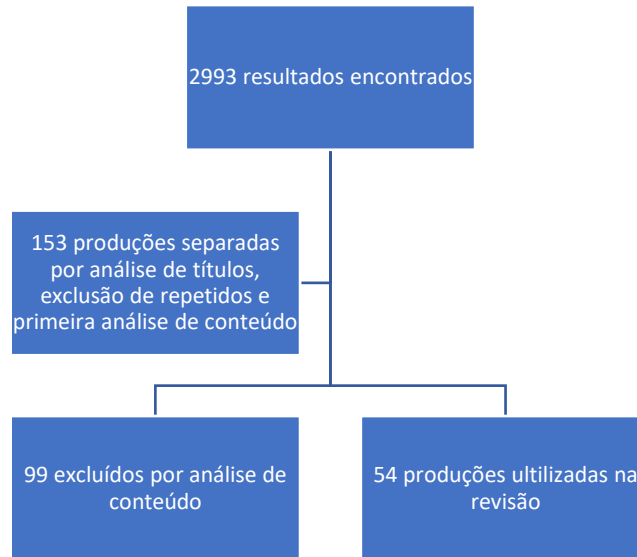


Tabela 1 – Temas presentes nos objetivos das obras analisadas

<b>Tema</b>	<b>Nº de aparições</b>
<b>Suicídio de forma geral</b>	9 (16,66%)
<b>Suicídio voltado para as mulheres</b>	1 (1,85%)
<b>Depressão em mulheres</b>	8 (14,81%)
<b>Saúde mental e adoecimento geral</b>	7 (12,96%)
<b>Saúde mental e adoecimento mental voltado para as mulheres</b>	8 (14,81%)
<b>Dificuldades e conflitos na paternidade</b>	3 (5,55%)

<b>Violência doméstica contra mulheres</b>	14 (25,92%)
<b>Saúde mental das donas de casa</b>	1 (1,85%)
<b>Posição socioeconômica e pobreza</b>	5 (9,25%)

A análise dos trabalhos selecionados foi realizada a partir da separação em quatro categorias, que estão apresentadas e descritas na Tabela 2, junto às referências das publicações que apresentaram dados referentes à categoria.

Tabela 2 – Categorias de análise

<b>Categoria</b>	<b>Definição</b>	<b>Publicações</b>
<b>O ser dona de casa como uma situação de vulnerabilidade</b>	Aqui estão reunidas as pesquisas que destacam, ou minimamente apresentam, condições especiais de vulnerabilidade para as donas de casa. Serão identificadas como pertencentes a tal categoria trabalhos que indiquem riscos do ambiente doméstico, relações de gênero, condições financeiras, isolamento social, adoecimentos fisiológicos	GEORGE et al (2015); KARAÇAM & ANÇEL (2009); SEMAHEGN & MENGISTIE (2015); SANTOS (2014); AFTAB et al (2012); CALVACANTE & SILVA (2011); ROSALES (2015); LEE et al. (2010); MOSSIE et al. (2017); SEEDHOM (2011); AGGARWAL (2015); AKTER & DEEBA (2018); PRATES (2014) BOOSTANI, ABDINIA & ANARAKI (2012); CAVALCANTE & MINAYO (2012); BAHK et al. (2015); LIZARDI, OQUENDO & GRAVER (2009); ABRAR-UL-HAQ, JALI & ISLAM (2016); CHAVAN, GARG & BHARGAVA (2012); USLU et al. (2010); MIN (2008); ZAKALIYAT & SUSUMAN (2016); TOPRAK & ERSOY (2017); UMUBYEYI et al. (2016); STANLEY (2012); HASSAN et al. (2014); MOJARRO-IÑIGUEZ et al. (2014); HAMZEH, FARSHI & LAFLAMME (2008); MOHAMADIAN et al. (2016); RASOULIAN et al. (2014); PEREIRA (2013); HAJIAN et al. (2014); VANALLI (2012); LEITE et al. (2017); JAN et al (2017); CAMPOS (2013); DANDONA et al. (2016); MATTEO et al. (2012); SOUZA (2014); ZAINAB, FATMI & KAZI (2012) RUIZ-PÉREZ et al. (2009)
<b>Impactos na saúde mental</b>	Estão reunidas as pesquisas cujo dados indiquem que as vulnerabilidades presentes no	BADIYE & KAPOOR (2014); CAVALCANTE & MINAYO (2012); DANDONA et al. (2016);

	contexto da dona de casa têm impactos na sua saúde mental. São colocadas aqui pesquisas que relacionam essa vulnerabilidade com adoecimentos mentais, como depressão e quadros psicóticos, comportamentos suicidas	FERNANDES, FERREIRA & CASTRO (2016); FERREIRA (2013); JAN et al (2017); KEYVANARA, MOUSAVI & KARAMI (2013); AGGARWAL (2015); BOOSTANI, ABDINIA & ANARAKI (2012); BAHK et al. (2015); KARAÇAM & ANÇEL (2009); AFTAB et al (2012); MATTEO et al. (2012); SANTOS (2014); GUO et al. (2014); MOSSIE et al. (2017); PS et al. (2017); ZAINAB, FATMI & KAZI (2012); RUIZ-PÉREZ et al. (2009); KALLAKURI et al. (2018); MIN (2008); FAISAL-CURY et al. (2009); CALVACANTE & SILVA (2011); SHARMA (2013); GHANEM et al. (2009); NEBHINANI et al. (2013); ASHING-GIWA & LIM (2009)
<b>Conduta terapêutica dos profissionais</b>	Aqui estão reunidos os trabalhos que falam sobre, ou indiquem, posturas dos profissionais de saúde frente às especificidades do quadro de vulnerabilidade das donas de casa	GEORGE et al (2015); MIN (2008); MATTEO et al. (2012); MOSSIE et al. (2017); RUIZ-PÉREZ et al. (2009)
<b>Reflexões acerca das políticas públicas</b>	Estão reunidos trabalhos que discutem, ou fazem indicações, referentes à políticas públicas referentes às demandas evidenciadas dessa população.	SANTOS (2014); DANDONA et al. (2016)

Foi notada uma falta de visibilidade da dona de casa enquanto objeto de estudo nessa revisão. Dentre as obras inicialmente selecionadas, 64,7% foram descartadas por não apresentarem nenhuma discussão ou recorte sobre o assunto, sendo que apresentavam um quantitativo expressivo de donas de casa dentro de seu campo amostral.

Dentre as obras analisadas, apenas uma apresentou a questão da dona de casa dentro de seus objetivos e apenas 19% faziam referência à dona de casa em seu título ou resumo, mesmo sendo esse um objeto relevante durante o corpo textual na maior parte dos casos.

Vale retomar aqui a discussão da dona de casa enquanto ser invisível socialmente perante a lógica trabalhista, econômica e familiar (SANTOS & DINIZ, 2011; SANTOS, 2008/2014; BORIS, 2014). A discussão dos parágrafos anteriores indica que a dona de casa também passa por um processo de não reconhecimento também por parte da comunidade científica, tornando-se invisível mesmo nas pesquisas.

Notou-se também uma prevalência de obras publicadas no Brasil e em países asiáticos, sobretudo Índia e Irã, sendo que o recorte linguístico explicaria a prevalência de publicações brasileiras, mas não asiáticas. Levantamos a hipótese que o grande quantitativo de publicações

asiáticas nessa revisão seja por uma maior porcentagem de donas de casa dentre as mulheres dessas regiões.

Um dos artigos analisados (AGGARWAL, 2015 p.132) ressalta em sua pesquisa que um número maior de donas de casa dentre as vítimas de suicídio na Índia não implica diretamente que ser dona de casa coloca a mulher em situação de risco para suicídio, pois a maioria das mulheres da Índia se definem como desempregadas ou donas de casa. Ao mesmo tempo afirma que ter um vínculo empregatício proporciona vários benefícios que podem se configurar como fatores protetivos ao suicídio.

Notamos também fraca presença de publicações estadunidenses nessa análise, somente uma, o que se mostra um dado interessante levando em conta que os Estados Unidos estão em primeiro lugar no ranking internacional de publicações científicas SCImago (2018), enquanto a Índia se coloca em nono lugar, o Brasil em decimo-quinto e o Irã em vigésimo-segundo. Levantamos a hipótese de que uma seleção diferente de palavras chave poderia gerar resultados diferentes, possivelmente por um desuso dos termos “*housewife*” e “*housewives*” no contexto norte-americano ou por uma não identificação dessas mulheres com essas categorias.

### 3.1 O SER DONA DE CASA COMO UMA SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE

Essa foi a categoria com mais dados nessa revisão, presente em 74,07% das publicações analisadas. Os dados mais frequentes foram os de que ser dona de casa representa um fator de risco e vulnerabilidade diante da violência doméstica e familiar, presente em 31,48% das publicações, e de que as donas de casa vivenciam problemas financeiros atrelados a uma falta de independência, presente em 24,07% das publicações.

Outros dados também encontrados em várias obras foram de uma sobrecarga no trabalho doméstico com pouca, ou nenhuma, participação do cônjuge; um não reconhecimento do trabalho da dona de casa, nem pela família nem pela sociedade; uma vivência de controle e dominação por parte do cônjuge, abusos de autoridade e submissão da mulher dona de casa. Esses dados foram presentes em 9,26% das publicações.

Outras pesquisas indicaram grandes dificuldades na paternidade e baixa, ou nenhuma, participação dos homens na criação dos filhos; dificuldades da dona de casa em reconhecer e tratar de seus problemas psíquicos e deles serem notados pelo social; uma menor propensão a denunciar violências conjugais e domésticas por parte das donas de casa em comparação com outros grupos de mulheres. Estando presente em 5,55% das publicações.

Menos de 5% das publicações indicaram que o papel de dona de casa facilita o acesso a objetos e substâncias nocivas e perigosas; baixa autoestima nas donas de casa; falta de apoio do cônjuge nos problemas pessoais; isolamento social; piores condições de saúde geral por parte das donas de casa.

### 3.2 IMPACTOS NA SAUDE MENTAL

Presente em 50% das obras analisadas, os impactos diretos na saúde mental representaram a segunda categoria mais presente. Os dados que se destacaram foram de que há um maior quantitativo de vítimas de suicídio, tentativas e ideações suicidas por parte de donas de casa, indicado por 18,52% das obras. Também foi indicado por 16,67% que ser dona de casa se caracteriza como um fator de risco para adoecimento mental de forma geral, mas com um destaque maior para sintomas depressivos.

Menos de 2% das obras analisadas indicaram que ser dona de casa se relaciona com adoecimentos físicos gerais, um maior nível de uso e abuso de drogas e piores índices de qualidade de vida quando comparado com outras mulheres.

### 3.4 CONDUTA TERAPEUTICA DOS PROFISSIONAIS

Todos os dados referentes a esta categoria foram presentes em 9,26% das publicações. Indicam uma abordagem de cuidados intensificados com técnicas de aconselhamento junto a psicoeducação, um aconselhamento a mulheres vítimas de violência junto ao cônjuge e aos parentes e que profissional deve considerar a interação entre demandas familiares, situação empregatícia e escolaridade e seu impacto na saúde da mulher.

Também ressaltaram a importância de um diagnóstico preciso de problemas de saúde mental em mulheres donas de casa, levando em conta as especificidades desse público, e que atendimentos pré-natais deveriam dar atenção particular a mulheres não casadas, com baixa receita financeira e donas de casa.

### 3.5 REFLEXÕES ACERCA DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

Presente em apenas 3,7% das publicações analisadas, essa foi a categoria com menor presença. Foi indicado por todas essas obras uma necessidade de se desenvolver serviços públicos voltados para as especificidades das donas de casa. Menos de 2% indicaram que atenção especializada e estratégica focada para prevenção de suicídio desse grupo e problematizaram a falta de uma rede de apoio e de políticas públicas para mulheres donas de casa.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pontos que se destacaram como os mais fartamente descritos na literatura analisada foram os que entendem a posição de dona de casa como um fator de risco de risco e vulnerabilidade diante da violência doméstica e familiar, como um grupo que vivencia problemas financeiros atrelados a uma falta de liberdade e sobrecarga do trabalho. Também foram encontrados indícios de uma maior vulnerabilidade em relação ao suicídio, depressão e a um adoecimento mental de forma geral, junto a uma dificuldade de buscar apoio e tratamento.

Foi pouquíssimo presente na literatura uma indicação de conduta aos profissionais que forem lidar com esse grupo e de reflexões acerca de políticas públicas. Também vale notar que a dona de casa enquanto objeto de análise não foi foco ou destaque da quase totalidade das publicações, mesmo quando a mulher dona de casa aparece de forma destacável dentro dos campos amostrais. Indicamos então que a mulher dona de casa se mostra invisível também perante a comunidade científica, pelo menos no que diz respeito a estudos de violência e saúde mental.

Destacamos que é necessário por parte da comunidade acadêmica, sobretudo a psicologia, voltar o olhar de forma mais atenta a esse grupo já em processo de invisibilidade, afim de entender as especificidades e propor condutas terapêuticas adequadas e políticas públicas e sociais que se encaixem.

Vale ressaltar também que os dados encontrados nessa pesquisa não se mostram suficientes para reforçar a hipótese que ser dona de casa se configura como um fator que potencializa a vulnerabilidade à violência e saúde mental de mulheres, sobretudo devido a uma escassez de publicações com esse objetivo.

## 5. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ABRAR-UL-HAQ, Muhammad; JALI, Mohd Razani Mohd; ISLAM, Gazi Md Nural. Empowering rural women in Pakistan: empirical evidence from Southern Punjab. **Quality & Quantity**, [s.l.], v. 51, n. 4, p.1777-1787, 7 jun. 2016. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s11135-016-0365-7>.
- AFTAB, Shazia et al. Effects of Poverty on Pregnant Women. **Pakistan Journal Of Medical Research**, Karachi, v. 51, n. 1, p.5-9, jan. 2012.
- AGGARWAL, Shilpa. Suicide in India. **British Medical Bulletin**, [s.l.], v. 114, n. 1, p.127-134, 9 maio 2015. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/bmb/ldv018>.
- AKTER, Farzana; DEEBA, Farah. Types of violence and psychiatric symptoms among women survivors of violence in Bangladesh. **Asian Journal Of Psychiatry**, [s.l.], v. 33, p.45-45, mar. 2018. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ajp.2017.12.012>.
- ASHING-GIWA, Kimlin T.; LIM, Jung-won. Examining the Impact of Socioeconomic Status and Socioecologic Stress on Physical and Mental Health Quality of Life Among Breast Cancer Survivors. **Oncology Nursing Forum**, [s.l.], v. 36, n. 1, p.79-88, 1 jan. 2009. Oncology Nursing Society (ONS). <http://dx.doi.org/10.1188/09.onf.79-88>.
- BADIYE, Ashish; KAPOOR, Neeti; AHMED, Shagufa. An empirical analysis of suicidal death trends in India: A 5 year retrospective study. **Journal Of Forensic And Legal Medicine**, [s.l.], v. 27, p.29-34, out. 2014. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jflm.2014.07.007>
- BAHK, Jinwook et al. Changes in the Relationship Between Socioeconomic Position and Maternal Depressive Symptoms: Results from the Panel Study on Korean Children (PSKC). **Maternal And Child Health Journal**, [s.l.], v. 19, n. 9, p.2057-2065, 5 fev. 2015. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s10995-015-1718-x>.
- BOOSTANI, Dariush; ABDINIA, Shokofeh; ANARAKI, Nahid Rahimipour. Women victims of self-immolation: a 'Grounded Theory' study in Iran. **Quality & Quantity**, [s.l.], v. 47, n. 6, p.3153-3165, 28 abr. 2012. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s11135-012-9709-0>.
- BORIS, Eileen. Produção e reprodução, casa e trabalho. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 101-121, 2014.
- CAMPOS, Ioneide de Oliveira. **Saúde mental e gênero em um CAPS II de Brasília: condições sociais, sintomas, diagnósticos e sofrimento psíquico**. 2016. 122 f., il. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- CAVALCANTE, Ana Célia; SILVA, Raimunda Magalhães. Experiências psíquicas de mulheres frequentadoras da rede pública de saúde em Teresina (PI, Brasil). **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 16, n. 4, p. 2211-2220, Apr. 2011
- CAVALCANTE, Fátima Gonçalves; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Autópsias psicológicas e psicossociais de idosos que morreram por suicídio no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 17, n. 8, p.1943-1954, ago. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232012000800002>.
- CHAVAN, Birsingh; GARG, Rohit; BHARGAVA, Rachna. Role of 24 hour telephonic helpline in delivery of mental health services. **Indian Journal Of Medical Sciences**, [s.l.], v. 66, n. 5, p.116-125, 2012. Medip Academy. <http://dx.doi.org/10.4103/0019-5359.114196>

- COSTA, Angelo Brandelli; ZOLTOWSKI, Ana Paula Couto. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: KOLLER, Sílvia H.; COUTO, Maria Clara P. de Paula; VON HOHENDORFF, Jean (Org.). **Manual de produção científica**. Porto Alegre: Penso Editora, 2014. Cap. 3. p. 55-70.
- DANDONA, Rakhi et al. Lessons from a decade of suicide surveillance in India: who, why and how?. **International Journal Of Epidemiology**, [s.l.], p.983-993, 2 jun. 2016. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/ije/dyw113>.
- FAISAL-CURY, Alexandre et al. Common mental disorders during pregnancy: prevalence and associated factors among low-income women in São Paulo, Brazil. **Archives Of Women's Mental Health**, [s.l.], v. 12, n. 5, p.335-343, 26 maio 2009. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s00737-009-0081-6>.
- FERNANDES, Daniela Aparecida Araujo; FERREIRA, Neci Sena; CASTRO, José Gerley Diaz. Perfil epidemiológico das tentativas de suicídio em Palmas-Tocantins, de 2010 a 2014. **Tempus, Actas de Saúde Colet.**, Brasília, v. 4, n. 10, p.09-23, dez. 2016.
- FERREIRA, Neci Sena. **Perfil epidemiológico e psicossocial de tentativas de suicídio e de suicídios em Palmas (TO) no período de 2000 a 2009**. 2013. xxi, 198 f., il. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- FRANCA, Ana Leticia de. Mulher, trabalho e família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar ( Women, work and family. **Emancipacao**, [s.l.], v. 9, n. 1, p.65-78, 21 jun. 2009. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). <http://dx.doi.org/10.5212/emancipacao.v.9i1.065078>.
- FREITAS, Viviane Gonçalves. **De qual feminismo estamos falando?: desconstruções e reconstruções das mulheres, via imprensa feminista brasileira, nas décadas de 1970 a 2010**. 2017. 198 f., il. Tese (Doutorado em Ciência Política)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017
- GEORGE, Christina et al. Antenatal depression in coastal South India: Prevalence and risk factors in the community. **International Journal Of Social Psychiatry**, [s.l.], v. 62, n. 2, p.141-147, 6 out. 2015. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0020764015607919>.
- GHANEM, M. et al. National Survey of Prevalence of Mental Disorders in Egypt: preliminary survey. **Send To East Mediterr Health J**, Cairo, v. 1, n. 15, p.65-75, jan. 2009.
- GUO, Nan et al. Mental health related determinants of parenting stress among urban mothers of young children – results from a birth-cohort study in Ghana and Côte d’Ivoire. **Bmc Psychiatry**, [s.l.], v. 14, n. 1, p.1-12, 29 maio 2014. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1186/1471-244x-14-156>.
- HAIJIAN, Sepideh et al. Violence against Women by Their Intimate Partners in Shahroud in Northeastern Region of Iran. **Global Journal Of Health Science**, [s.l.], v. 6, n. 3, p.117-130, 27 fev. 2014. Canadian Center of Science and Education. <http://dx.doi.org/10.5539/gjhs.v6n3p117>.
- HAMZEH, Behrooz; FARSHI, Mirtaghi Garousi; LAFLAMME, Lucie. Opinions of married women about potential causes and triggers of intimate partner violence against women. A cross-sectional investigation in an Iranian city. **Bmc Public Health**, [s.l.], v. 8, n. 1, p.1-10, 12 jun. 2008. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1186/1471-2458-8-209>.



- HASSAN, M. et al. Maternal outcomes of intimate partner violence during pregnancy: study in Iran. **Public Health**, [s.l.], v. 128, n. 5, p.410-415, maio 2014. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.puhe.2013.11.007>.
- JAN, Mohdmuzzafar et al. Psychosocial risk factors and clinical profile associated with attempted suicide in young adult and adolescent patients in conflict zone-Kashmir. **Annals Of Tropical Medicine And Public Health**, [s.l.], v. 10, n. 1, p.154-159, 2017. Medknow. <http://dx.doi.org/10.4103/1755-6783.205561>.
- KALLAKURI, Sudha et al. Common mental disorders and risk factors in rural India: baseline data from the SMART mental health project. **Bjpsych Open**, [s.l.], v. 4, n. 04, p.192-198, 22 jun. 2018. Royal College of Psychiatrists. <http://dx.doi.org/10.1192/bjo.2018.28>.
- KARAÇAM, Zekiye; ANÇEL, Gülsüm. Depression, anxiety and influencing factors in pregnancy: a study in a Turkish population. **Midwifery**, [s.l.], v. 25, n. 4, p.344-356, ago. 2009. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.midw.2007.03.006>.
- KEYVANARA, Mahmoud; MOUSAVI, Seyed; KARAMI, Zahra. Social Class Status and Suicide Characteristics: A Survey among Patients Who Attempted Suicide in Isfahan. **Materia Socio Medica**, [s.l.], v. 25, n. 1, p.56-59, 2013. ScopeMed International Medical Journal Management and Indexing System. <http://dx.doi.org/10.5455/msm.2013.25.56-59>
- LEE, Sing et al. Individual and societal impact on earnings associated with serious mental illness in metropolitan China. **Psychiatry Research**, [s.l.], v. 180, n. 2-3, p.132-136, dez. 2010. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychres.2009.09.007>.
- LEITE, Jader Ferreira et al. Condições de vida, saúde mental e gênero em contextos rurais: um estudo a partir de assentamentos de reforma agrária do nordeste brasileiro. **Avances En Psicología Latinoamericana**, [s.l.], v. 35, n. 2, p.301-316, 25 maio 2017. Colegio Mayor de Nuestra Señor del Rosario. <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4768>.
- LIZARDI, Dana; OQUENDO, Maria A.; GRAVER, Ruth. Clinical Pitfalls in the Diagnosis of Ataque de Nervios: A Case Study. **Transcultural Psychiatry**, [s.l.], v. 46, n. 3, p.463-486, set. 2009. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/1363461509343090>.
- MATTEO, Balestrieri et al. Determinants of ante-partum depression: a multicenter study. **Social Psychiatry And Psychiatric Epidemiology**, [s.l.], v. 47, n. 12, p.1959-1965, 17 abr. 2012. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s00127-012-0511-z>.
- MIN, Sung Kil. Clinical Correlates of Hwa-Byung and a Proposal for a New Anger Disorder. **Psychiatry Investigation**, [s.l.], v. 5, n. 3, p.125-141, 2008. Korean Neuropsychiatric Association. <http://dx.doi.org/10.4306/pi.2008.5.3.125>.
- MOHAMADIAN, Fathola et al. Prevalence and Risk Factors of Domestic Violence against Iranian Women: A Cross-Sectional Study. **Korean J Fam Med**. 2016;37(4):253-8., [s.i.], v. 4, n. 37, p.253-258, jul. 2016.
- MOJARRO-ÍÑIGUEZ, Mariana et al. No More! Women Reporting Intimate Partner Violence in Mexico. **Journal Of Family Violence**, [s.l.], v. 29, n. 5, p.527-537, 8 jun. 2014. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s10896-014-9610-9>.
- MOSSIE, Tilahun Belete et al. Prevalence of Antenatal Depressive Symptoms and Associated Factors among Pregnant Women in Maichew, North Ethiopia: An Institution Based Study. **Ethiopian Journal Of Health Sciences**, [s.i.], v. 1, n. 27, p.59-66, jan. 2017.



NEBHINANI, Naresh et al. Demographic and clinical profile of substance abusing women seeking treatment at a de-addiction center in north India. **Industrial Psychiatry Journal**, [s.l.], v. 22, n. 1, p.12-16, 2013. Medknow. <http://dx.doi.org/10.4103/0972-6748.123587>.

PEREIRA, Bruna Cristina Jaquette. **Tramas e dramas de gênero e de cor: a violência doméstica e familiar contra mulheres negras**. 2013. 131 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PRANDI, José Reginaldo. A mulher e o papel de dona-de-casa: representações e estereótipos". **Revista de Antropologia USP**, São Paulo, v. 24, n. 0, p.109-121, 1981

PRATES, Paula Licursi. **Violência doméstica e de gênero: perfil sociodemográfico e psicossocial de mulheres abrigadas**. 2007. Dissertação (Mestrado em Saúde Materno Infantil) - Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.6.2007.tde-07052008-135147. Acesso em: 2018-10-23.

PS, Archana et al. Prevalence of depression among middle aged women in the rural area of Kerala. **Asian Journal Of Psychiatry**, [s.l.], v. 29, p.154-159, out. 2017. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.ajp.2017.05.016>.

RASOULIAN, M. et al. Risk Factors of Domestic Violence in Iran. **Journal Of Environmental And Public Health**, [s.l.], v. 2014, p.1-9, 2014. Hindawi Limited. <http://dx.doi.org/10.1155/2014/352346>

ROSALES, Antonio. Hardships of Scarcity: Microsociology on Poor People's Survival Strategies in Everyday Life. **The Qualitative Report**, [s.i.], v. 20, n. 11, p.1825-1858, nov. 2015.

RUIZ-PÉREZ, Isabel et al. Risk factors for fibromyalgia: the role of violence against women. **Clinical Rheumatology**, [s.l.], v. 28, n. 7, p.777-786, 10 mar. 2009. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s10067-009-1147-6>

SANTOS, Luciana da Silva. **Donas de casa, donas da própria vida?: problematizações acerca do trabalho (in)visível e da saúde mental de mulheres (des)valorizadas**. 2014. xii, 128 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SANTOS, Luciana da Silva. **Profissão: Do lar: a (des)valorização do trabalho doméstico como desdobramento da (in)visibilidade do feminino**. 2008. 158 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008

SANTOS, Luciana da Silva; DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling. Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro , v. 23, n. 2, p. 137-149, 2011

SCIMAGO. **SCImago Journal & Country Rank**. Disponível em: <<http://www.scimagojr.com>>. Acesso em: 04 nov. 2018

SEEDHOM, Amany Edward. Sociodemographic associations of intimate partner violence against women in a rural area, El-Minia governorate, Egypt, 2010. **Journal Of Public Health**, [s.l.], v. 20, n. 1, p.81-88, 7 jun. 2011. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s10389-011-0431-5>.

SEMAHEGN, Agumasie; MENGISTIE, Bezatu. Domestic violence against women and associated factors in Ethiopia; systematic review. **Reproductive Health**, [s.l.], v. 12, n. 1, p.1-12, 29 ago. 2015. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1186/s12978-015-0072-1>.

SOUZA, Vânia Romão de. **Maura, louca? Não, “cançada”**: os desatinos existenciais de uma “hipermulher” nas décadas de 1940/1950. 2014. 182 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

STANLEY, Selwyn. Intimate partner violence and domestic violence myths: a comparison of women with and without alcoholic husbands ( a study from India). **Journal Of Comparative Family Studies**, [s.i.], v. 5, n. 43, p.647-672, jan. 2012.

TODESHKCHUEI, Sare Ghasemi et al. Psychosocial Factors Associated with Suicidal Behavior among Iranian Women: A Meta-analysis. **Advanced Biomedical Research**, [s.i.], v. 7, n. 1, p.86-113, 2018. Medknow. <http://dx.doi.org/10.4103/abr.abr.47.17>.

TOPRAK, Sadik; ERSOY, Gokhan. Femicide in Turkey between 2000 and 2010. **Plos One**, [s.i.], v. 12, n. 8, p.1-16, 23 ago. 2017. Public Library of Science (PLOS). <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0182409>.

UMUBYEYI, Aline et al. Gender Inequality Prevents Abused Women from Seeking Care Despite Protection Given in Gender-Based Violence Legislation: A Qualitative Study from Rwanda. **Plos One**, [s.i.], v. 11, n. 5, p.1-13, 6 maio 2016. Public Library of Science (PLOS). <http://dx.doi.org/10.1371/journal.pone.0154540>.

USLU, Runa Idil et al. Sociodemographic characteristics of Turkish parents in relation to their recognition of emotional maltreatment. **Child Abuse & Neglect**, [s.i.], v. 34, n. 5, p.345-353, maio 2010. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2009.09.013>.

VANALLI, Ana Carolina Gravena. **Conciliação entre profissão, conjugalidade e paternidade para homens e mulheres com filhos na primeira infância**. 2012. 171 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

ZAINAB, Saima; FATMI, Zafar; KAZI, Ambreen. Risk factors for depression among married women belonging to higher and lower socioeconomic status in Karachi, Pakistan. **Ambreen Kazi**, [s.i.], v. 2, n. 63, p.249-253, mar. 2012

ZAKALIYAT, Bonkougou; SUSUMAN, A Sathiya. Factors of Domestic Violence Against Women: Correlation of Women’s Rights and Vulnerability. **Journal Of Asian And African Studies**, [s.i.], v. 53, n. 2, p.285-296, 12 nov. 2016. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0021909616677373>.